

Vou até o fim
 Todo ser é um
 E não há nenhum mal
 Em ser ambíguo
 Novelo de lã
 Levo até o fio
 E não há desvio até o umbigo
 Todos um só,todos nós os mesmos
 Todos nós um nó a esmo
 Deixa de chorar,vou pela maré
 Assim que puder você vem comigo
 Ver o que é que dá
 Ver o que é que há
 No olho do mundo
 No bumar do bumbo
 No que faz brotar
 No que faz colher
 No que faz cantar
 No quer viver...(bis)
 Vou até o fim
 Todo ser é um
 E não há nenhum mal
 Em ser ambíguo
 Novelo de lã
 Levo até o fio
 É não há desvio até o umbigo
 Todos nós,um só(bis)

(Música "Êsmo" de Chico César)

Este número da revista trata das questões de gênero na Educação Física e reúne alguns estudiosos na área e fora dela. Estamos cientes da relevância social e epistemológica desta temática para os estudiosos e estudiosas em geral, sobretudo para os professores/professoras de Educação Física, que lidam quotidianamente com as problemáticas de gênero em seus fazeres e saberes político-pedagógicos e científicos, relativos às práticas corporais, tanto âmbito escolar (educação física escolar) quanto não escolar, tanto no esporte de alto nível, quanto nas práticas ditas de lazer.

Como sabemos, o debate sobre gênero é muito intenso nas Ciências Humanas e Sociais. Porém, na Educação Física, apesar das produções científicas presentes, sobretudo, no interior dos GTT's do CONBRACE - Congresso brasileiro de Ciências do Esporte - há ainda muito o que investigar sobre as práticas corporais de meninas e meninos, mulheres e homens nas aulas de Educação Física, no esporte e no âmbito do lazer.

Quando está em jogo a problemática de gênero em seu sentido ampliado, é preciso ter claro que estes abarcam os estudos feministas e homoeróticos, cujas reflexões se circunscrevem na dimensão da tensão entre a degradação e a utópica emancipação da condição humana, em suma, do gênero humano em sua dimensão universal, cultural, social, política.

Isto posto, é preciso superar a idéia do feminismo, única e exclusivamente como uma guerra sexista entre mulheres e homens, meninos e meninas, pois "(...) na história e no presente, a questão do poder está no centro das relações entre homens e mulheres" (Perrot, 1988: 184). Quem sabe, não seja esse o desafio que se nos impõe neste século, mas isso, é claro, se ouvirmos atentamente os versos do poeta:

(...) Os sexos estão talvez mais próximos do que se pensa e talvez seja esta a chave da grande renovação do mundo: o homem e a mulher, libertos de todos os seus erros, de todas as suas dificuldades, não tornarão a procurar-se como

contrários, mas como irmãos e irmãs, como parentes. Unirão as suas humanidades para suportar juntos, gravemente, pacientemente, o peso da carne difícil que lhes foi dada. (Poema de Rainer Maria Rilke – escrito em 1903)

Assim, urge, portanto, pensar o gênero humano na dimensão da alteridade, a qual, a nosso ver, deve levar em consideração o outro menina/mulher e menino-homem como sujeitos múltiplos na dualidade do eu e em interação com a dualidade do outro, isto é, da alteridade como respeito e reconhecimento do outro na plenitude de sua dignidade e de seus direitos. Considerando portanto, dialeticamente, as diversas identidades e subjetividades intercruzadas na perspectiva de gênero, classe, raça/etnia, cultura e geração. No entanto, cabe colocar aqui que, quando falamos, no título deste editorial, em superar a visão meramente sexista de gênero na perspectiva do feminismo, não estamos subestimando a luta por emancipação, direitos e dignidade das mulheres ao longo da história. Pelo contrário, acreditamos que seja essencial não perder de vista as lutas políticas dos movimentos feministas, em razão das mulheres, a despeito de algumas conquistas, ainda estarem imersas nas garras da dominação do patriarcalismo e, por isso mesmo, ainda serem tratadas, no dizer de Panzutti(1997:59)¹ como eminência oculta, apesar de desempenharem um papel determinante na produção da vida material e imaterial do grupo familiar. Neste sentido é preciso considerar a miséria da condição humana feminina, sobretudo no limiar do capitalismo, no que diz respeito, por exemplo, à inserção das mulheres no mundo do trabalho², mas, ao mesmo tempo não olvidar que também o que está em jogo neste sistema é a destruição dos direitos dos trabalhadores, homens e mulheres e, que neste jogo perverso do capital, quem sai perdendo ainda é a mulher no que diz respeito à sua inserção no mundo do trabalho. Isto nos faz lembrar de Victor Hugo ao dizer que (...)Quem já viu a miséria do homem, precisa ver a da mulher.

Para aprofundar o tema desta edição, alguns autores e autoras dão as suas contribuições nas diversas seções da revista, sem, contudo, ter a pretensão de esgotar a multidimensionalidade no trato com o tema gênero. Neste sentido, na seção Artigos Silvana Vilodre Goellner e Márcia Luiza Machado Figueira trazem para o debate o texto Corpo e Gênero: a revista capricho e a produção de corpos femininos, no qual refletem, especificamente, a construção da identidade de gênero feminino produzida e/ou veiculada pela revista Capricho, considerada como um produto da mídia eivadas de imagens e textos que falam às jovens da atualidade. Adriana Estevão e Marcos Bagrichevsky refletem sobre a Antítese ou reinvenção da feminilidade: as mulheres fisiculturistas e os engendramentos da cultura da malhação, texto no qual discutem sobre como as praticantes de fisiculturismo buscam alcançar determinado padrão estético rompendo, muitas vezes com o modelo venusiano de feminilidade, fortemente, veiculado na sociedade contemporânea. Augusto Cesar Leiro traz para a roda de discussão o escrito Educação, lazer e relações de gênero: talhes e doxas, onde discute a educação e o lazer como um campo espaço-temporal de vivências lúdicas e de produção de sentidos. Agripino Alves Luz Junior “levanta a lebre” sobre o tema Gênero e educação física: tornando visíveis fronteiras e outras formas de reconhecimentos, falando sobre os estudos de gênero, em que enfatizam conceitos e significados considerados no texto como desestabilizadores das diferenças inscritas e tatuadas nos corpos, via definições sociais, estabelecidas em função do sexo.

¹ Cf. Panzutti, Nice da Penha M. Mulher rural: eminência oculta. São Paulo: *Cadernos CERU/USP*, 1997, série 2, no. 8.

² Quanto a esse respeito sugerimos o livro De Cláudia Mazzei Nogueira, editado pela Editora Autores Associados (Campinas, 2003) e intitulado *A feminilização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*, no qual a autora reflete sobre as mais recentes tendências do trabalho feminino, em especial daquelas decorrentes do processo de reestruturação produtiva desencadeado nas últimas décadas do século XX, conhecidas como a era da mundialização do capital que acirrou a destruição dos direitos dos trabalhadores masculinos e, consecutivamente, acentuando as diferenças salariais, a jornada de trabalho, o trabalho temporário e precário, o subemprego e o desemprego.

A seção Ponto de Vista propôs o seguinte questionamento: por que investigar as questões de gênero no âmbito da Educação Física, Esportes e Lazer? Essa questão é problematizada através das diferentes opiniões de duas estudiosas de gênero na produção acadêmica da Educação Física, a saber: Déborah Sayão e Maria do Carmo Saraiva. As duas empreendem esforços em responder a pergunta, tentando levantar argumentos e, inclusive, trazendo para a reflexão a produção existente neste campo do conhecimento.

Na seção Cientique-se, Valquíria Padilha nos traz uma bela resenha do livro de Daniel Mothé acerca da utopia do tempo livre (*L'utopie du temps libre*), na qual dialoga com o autor, mostrando que ele advoga que a utopia do tempo livre é reservada aos ricos e a classe média dos países ricos. Hamílcar Silveira Dantas Junior comunica à comunidade acadêmica a sua dissertação de Mestrado, sob o título *Estado, Educação e Hegemonia: reflexos da Pedagogia Experimental na educação física em Sergipe(1947-1951)*, na qual o autor analisa a direção dada à educação Física pelas políticas educacionais no estado de Sergipe no período proposto. Também nesta seção, Marcelo Victor da Rosa apresenta o texto resumido da sua dissertação de mestrado na perspectiva dos estudos homoeróticos, cognominada *Educação Física e Homossexualidade: investigando as representações sociais dos estudantes do Centro de Desportos/UFSC*. Nela, o autor analisa as diversas representações sociais dos estudantes do CDS/UFSC a partir das diversas práticas pedagógicas deste curso e das seguintes categorias de análise: gênero, identidade, preconceito e práticas corporais.

Na seção Experimentando, Alexandre Fernandes Vaz nos traz um texto-relato intitulado *Aspectos, contradições e Mal-entendidos da Educação do corpo e a Infância*. O autor trata da educação do corpo e infância em ambientes educacionais, por meio dos quais se estrutura também um conjunto de problemáticas que dizem respeito à intrincada relação entre as áreas disciplinares Educação Física e Pedagogia, propondo que haja uma multivocalidade da educação do corpo e que o mesmo seja tratado como uma problemática da instituição escolar e não única e exclusivamente como uma questão da Educação Física.

Em Grupo de Estudos, o GEPPEF - Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física, originário de São Luís do Maranhão/UFMA e liderado por Silvana Martins de Araujo, nos mostra como desenvolve suas ações e estudos, pesquisas e extensão para profissionais de educação física e áreas afins, tendo como referencial a concepção histórico-crítica da educação e a abordagem crítico-superadora.

Por fim, na seção Porta Aberta, estão dois textos. O primeiro, de autoria de Fabiano Pries Devede, sob o título *Educação Física escolar no primeiro segmento do ensino fundamental: contribuições para um debate*, aborda a Educação Física escolar no primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental à luz da Lei de diretrizes e bases da Educação nacional e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Para fechar esta seção e a revista, e garantindo a discussão de gênero, as autoras Helena Christina B. Gonçalves, Iracema Munarim e Michelle Carreirão Gonçalves trazem para mesa de discussão o texto *Discutindo masculinidade através da revista Palyboy*. Neste escrito, elas mostram como este tipo de mídia, calcada em esterótipos de beleza e do corpo ideal presentes no mercado, contribui para que o corpo masculino também seja alvo de grandes empresas que possuem relação com a imagem deste sexo.

E assim, prezados leitores e leitoras, nós que fazemos a revista Motrivivência nos despedimos, lembrando que este número faz uma homenagem a grande escritora, a importantíssima e saudosa mulher-poeta, Hilda Hilst, que tanto dedicou aos temas, problemas e agruras do gênero humano, sobretudo sobre o amor em seu livro *Do amor*.

Para finalizar, deixamos uma bela reflexão do escritor português José de Saramago, que se justifica aqui, em razão de homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, enfim o gênero humano, virem sofrendo os efeitos destrutivos da infância, da juventude, dos trabalhadores e trabalhadoras adultos engendrados pela crise do capital em nível planetário (...) Que será de nós, quando se perder a última dignidade?

